

PESQUISAS (AUTO)BIOGRÁFICAS EM EDUCAÇÃO NA BAHIA: UM ATO POLÍTICO!

Wallace Matos da Silva¹
Flávio Barreto de Matos²
Marta de Souza França³

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre como as pesquisas em Educação com Histórias de Vida têm recorrido às bases teórico-metodológicas da abordagem (auto)biográfica, buscando estabelecer e fortalecer diálogos com objetos de estudos de doutoramento das(os) proponentes, atravessados por processos de formação docentes e discentes em contextos educacionais baianos. Os aportes epistemológicos que embasam as discussões versarão pela Pesquisa (Auto)biográfica e das Histórias de Vida. Ademais, também contamos com os estudos feministas e da Teoria Queer, funcionando como dispositivo político, que problematizam as dimensões identitárias binárias compulsórias de gêneros e das sexualidades em dissidência numa perspectiva histórica-antropo-cultural. Metodologicamente, realizamos uma abordagem qualitativa, desenvolvida pelas diretrizes do gênero textual Estado da Arte. Dessa forma, é importante destacar que cada pesquisa, com um manejo singular, entrelaça a Educação, os processos formacionais docentes e os estudos (auto)biográficos. Algumas inquietações permeiam as discussões presentes neste texto: Como as pesquisas em Educação, que orbitam em torno do Desenvolvimento Profissional Docente (DPD) no ensino superior, assumem a abordagem (auto)biográfica? De que maneira as pesquisas (auto)biográficas na Educação de Jovens e Adultos oportunizam o protagonismo das(os) discentes em dissidência? Como os dispositivos da (auto)biografia são utilizados nas produções acadêmicas em Educação (teses e dissertações), tendo como objeto as narrativas de docentes LGBT+? Principais Resultados obtidos: a) as pesquisas relacionadas ao DPD no ensino superior trazem timidamente a abordagem autobiográfica; b) as pesquisas (auto)biográficas na EJA promovem o protagonismo docente, com foco para a formação de professores; c) muitos dos dispositivos encontrados nas produções acadêmicas (dissertações e teses) são utilizados de forma equivocada, considerando os aportes teóricos-metodológicos amparados nas abordagens (auto)biográficas e das narrativas de vida. Assim, conclui-se que os estudos na perspectiva (auto)biográficas são promissores na área da Educação, direcionados à formação de professoras(es) e de discentes, permitindo dar visibilidade àquelas(es) que historicamente foram assujeitadas(os) e silenciadas(os) no cenário educativo, político e científico.

Palavras-chave: (Auto)biografia; Histórias de Vida; Formação de professores; LGBT+.

INTRODUÇÃO

Passeggi (2010) assevera: “Narrar é Humano!”, enquanto Freire (1996) afirma: “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”. Desse

¹ Doutorando em Educação – UFBA, Mestre em Língua e Cultura – UFBA, Especialista em Leitura e Produção Textual na Escola – UESC. Especialista em Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) - IFBA. Graduado em Letras Vernáculas – UESC. Professor de Linguagens e respectivas Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFBA-Campus de Salvador), wallace.ifba@gmail.com

² Doutorando em Educação – UFBA, Mestre em Ensino e Relações Étnico-raciais – UFSB, Especialista em Leitura e Produção de Texto na Escola - UESC. Especialista em Produção de Mídias para Educação *on-line* - UFBA. Graduado em Letras Vernáculas – UNEB (*Campus XXI*). Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, fb_matos@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Educação – UFBA, Mestre em Educação – UEFS, Especialista em Estudos Linguísticos – UEFS. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura – IBPEX. Graduada em Letras Vernáculas – UEFS. Professora de Linguagens e respectivas Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFBA - *Campus Feira de Santana*), martatinta@gmail.com

modo, parece coerente defender que pesquisas em Educação no Brasil estejam de igual modo comprometidas em estabelecer escuta sensível, atenta e responsável às narrativas docentes e discentes para então compreender como se dão os processos formacionais protagonizados no cotidiano a da vida escolar.

Nesse artigo, objetivamos analisar em que medida as pesquisas nacionais têm recorridos à (Auto)Biografia para fortalecer diálogos epistemológicos e metodológicos com os seguintes objetos de estudos de doutoramento de três pesquisadoras(es)-docentes baianos: Desenvolvimento Profissional Docente (DPD) no ensino superior; Estudos Feministas e da Teoria Queer e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para tanto, recorreremos aos aportes epistemológicos da Pesquisa (Auto)biográfica (DELORY-MOMBERG, 2008, 2014; JOSSO, 2020; PASSEGGI, 2018), entrelaçados Desenvolvimento Profissional Docente (DAY, 2000;), aos estudos feministas e da Teoria Queer, funcionando como dispositivo político, que problematizam as dimensões identitárias binárias compulsórias de gêneros e das sexualidades em dissidência numa perspectiva histórica-antropo-cultural, amparados em Colling (2016), Silva (2017), Louro (2010), Caetano (2016), Bento (2017).

É em razão desse entrelace, dos entornos formativos dos(as) pesquisadores(as) e da relevância política de cada objeto a ser investigado que produzimos os seguintes questionamentos, a saber: Como as pesquisas em Educação, que orbitam em torno do DPD no ensino superior, assumem a abordagem (auto)biográfica? De que maneira as pesquisas (auto)biográficas na Educação de Jovens e Adultos oportunizam o protagonismo das(os) discentes em dissidência? Como os dispositivos da (auto)biografia são utilizados nas produções acadêmicas em Educação (teses e dissertações), tendo como objeto as narrativas de docentes LGBT+?

Assim, perseguindo responder a essas questões, realizamos um trabalho coletivo, crítico e reflexivo a partir da construção do Estado da Arte de nossas teses. Após o levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) das produções acadêmicas da última década, recortamos aquelas que recorrem à Abordagem (Auto)biográfica e seus dispositivos metodológicos em consonância com os objetos de estudos supramencionados.

Ademais, cabe destacar que na condição de doutorandos(as) e docentes de instituições públicas do Estado da Bahia buscamos como sujeitos histórico, cultural, politicamente situados e implicados com a dimensão subjetiva, estreitar e fortalecer diálogos com professores(as),

assim como defender as potencialidades da abordagem em questão na construção de caminhos promissores para a (trans)formação de docentes e discentes em contextos educacionais baianos.

1 A (AUTO)BIOGRÁFICA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: DESVIANTES ENTRELAÇAMENTOS TEÓRICOS

Nas últimas décadas, os estudos e as pesquisas brasileiras desenvolvidos sob os aportes teórico-metodológicos da Abordagem (Auto)biográfica têm se ampliado significativamente, com destaque para Educação e formação de professoras(es) (ABRAHÃO, 2018; PASSEGI, 2011; SOUZA, 2018; FERREIRA, 2015, 2020). Passegi (2011) e Abrahão (2018) defendem que pressupostos teórico-metodológicos (auto)biográficos são promissores na área da Educação, direcionados à formação de professoras(es) e de discentes, permitindo dar visibilidade às narrativas orais e escritas daquelas(es) que historicamente foram assujeitadas(os) e silenciadas(os) no cenário educativo, político e científico.

Para Delory-Momberger (2008), não se pode perder de vista que o “curso da vida”, aquele em que produzimos narrativas, possui uma construção antropológica, posto que não há nele nada de natural e regular. Ao contrário, está a todo tempo em processo de variações, influenciado por contextos e tempos históricos e por culturas. Esse entendimento é premissa e alicerça os estudos em pesquisas (auto)biográficas, conforme argumenta Delory-Momberger (2014, p. 318):

A narrativa de vida tem, assim, um papel de mediação entre a vida e a história de vida: o que a narrativa constrói e estrutura sem que o narrador tenha plena consciência, o trabalho de análise e de reflexão histórica vai questionar e revelar. A narrativa por si só não bastaria, ela precisa entrar num dispositivo de formação pelo qual o autor da narrativa vai poder tornar-se o ator de sua história, isto é, reapropriar-se do sentido de sua vida.

Assim, ao tomar a vida nas mãos e recontá-la a si e ao mundo o indivíduo dá de volta sentido à história de seu tempo e de seu lugar, sem qualquer pretensão de rigidez de acabamento (DELORY-MOMBERGER, 2008, 2014), mas com intenção de compreender a história de si nos fatos narrados. Nessa direção, Passegi (2010, p. 122) adverte-nos que “a apropriação da história social como história pessoal não seria apenas o objeto da pesquisa (auto)biográfica, mas seu método”.

Dessa forma, é importante apresentar as pesquisas que enlaçam, cada uma com um manejo singular, a Educação e seus processos formacionais, também a estudos feministas e da Teoria Queer, para trazer à baila reflexões sobre como esses processos investigativos têm recorrido às bases teórico-metodológicas da abordagem (auto)biográfica.

1. 1 Desenvolvimento Profissional Docente (DPD): narrativas para compreender o tornar-se docente

Refletir sobre o Desenvolvimento Profissional Docente – DPD no ensino superior à luz da abordagem (auto)biográfica é reconhecer que desenvolver-se profissionalmente na carreira docente ou tornar-se professor(a) nem sempre é fruto de processos de formação de professores. Logo, acessar histórias, experiências e itinerâncias oportuniza um duplo movimento entre pesquisadoras(es) e docentes, posto que à medida que conhecemos e compreendemos como se deu o processo de *formabilidade* daquelas(es) que na cena educativa assumem a ação de ensinar, podemos vivenciar em reflexividade autoformação (DELORY- MOMBERGER, 2008).

De acordo com Day (2000), o sentido do desenvolvimento profissional dos/as professore/as depende das suas vidas pessoais, profissionais, das políticas e contextos escolares nos quais realizam as suas atividades docentes. Nesse diálogo, entendemos que o torna-se docente se evidencia na afirmação: “o DPD é um processo também focado na pessoa do(a) professor(a). Além disso, o DPD procura promover a construção de conhecimentos, as mudanças (no ensino, na escola, nos processos envolvidos e no professor) e a construção de aprendizagens” (FERREIRA, 2020, p. 8).

Defendemos que os pressupostos do DPD se imbricam à abordagem (auto)biográfica, uma vez que coloca em evidência fios de memórias individuais-coletivas, potencializando o estabelecimento de diálogos e aprendizagens individuais e coletivas. Nesse elã, Ferreira (2015, p.100) conceitua que:

Rememorar é poder, além de trazer à tona lembranças, promover a reflexão sobre as experiências vivenciadas. As histórias narradas da memória nos possibilitam ampliar horizontes, e o trabalho com a memória reúne uma pluralidade de significados e explica uma diversidade de vivências.

Dito isto, é vislumbrando reflexões poderosas que promovam a ampliação de horizontes quanto às questões que versam sobre formação de professoras(es) não-licenciadas(os) que atuam na graduação, que mergulhamos na construção desse artigo.

1.2 As pesquisas (auto)biográficas na EJA e o protagonismo discente

A Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino, compreende-se, enquanto processo, pelo seu caráter político-social e de reparação dos que não conseguiram ingressar em seus estudos na idade correta, seja por questões de vida e trabalho ou por fatores condicionantes ou determinantes. No que se refere à organização escolar, trata-se, portanto, de um conjunto de práticas que se alinham às experiências e ao modo de vida dos jovens, adultos e idosos.

Ao considerarmos esses aspectos, torna-se relevante (re)pensarmos sobre as construções de identidade, gênero e da sexualidade para além do binarismo essencialista e da percepção que se tem sobre as orientações sexuais e das representatividades de gênero e suas diversidades.

Pensando dessa forma, as narrativas (auto)biográficas das(os) discentes em dissidência assumem um posicionamento político de resistência e de reivindicação epistemológica, uma vez que, não há no currículo escolar, espaços abertos de políticas compensatórias voltadas para as desigualdades que foram historicamente silenciada, muito menos de proposição de práticas subversivas para inclusão das(os) corpos(os) desviantes das normas generificadas pela Cis-heteronorma.

Desse entendimento, a experiência torna-se um espaço singular onde as narrativas (auto)biográficas oportunizam outras formas de significação, pois, nos remete a um constante movimento na tentativa de compreender a relação existente entre os sujeitos(os) e a escola. Ou seja, no seu modo social e no sistema de representatividade pela qual, segundo a socióloga e antropóloga, Marie Christine Josso (2007), incide também “na sua *ação* em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à compreensão da natureza dessas próprias mutações” (p. 414).

Por esse caminho, a ciência, antes baseada no positivismo e em métodos estruturalistas, abre-se em diversas possibilidades e em alternativas que possam melhor compreender os fenômenos sociais que acontecem na contemporaneidade, pois “onde e como se produz esse descentramento como pensamento da estruturalidade da estrutura?” (DERRIDA, 2010, p. 232).

De todo e qualquer modo, compreender os fenômenos sociais, mais especificamente, àqueles relacionados à Educação de Jovens e Adultos, nos leva a refletir sobre a relação entre o poder e saber hegemônico, como também (re)pensar sobre os processos de construções curriculares sistematizados na EJA e de como esses(as) discentes em dissidência constroem suas narrativas contrárias ao regime Cis-heteronormativo.

1.3 A presença dos dispositivos (auto)biográficos em pesquisas em Educação com docentes LGBT+

A Educação Profissional (EP) no Brasil está assegurada como uma política pública de caráter universal e direito de todos os cidadãos e cidadãs numa perspectiva de desenvolvimento do país, considerando todas as adversidades por ter sua territorialidade continental. Desse modo, pensar sobre a educação profissional é pensar também naqueles que exercem a prática pedagógica formacional de discentes no chão da escola: (a) o docente. Essas(es) educadoras(es) possuem demandas e afazeres institucionais para produzir e promover ensino e aprendizagem básico, técnico e tecnológico a corpos, corpos e corpos, que em processo de formação histórico-

crítica sejam capazes de atuarem nos meios de produção hoje existentes (tecnológicos, científicos, educacionais etc.).

É importante destacar que a profissão docente no Brasil exige investimento em processos de formação em virtude das constantes mudanças culturais, políticas e econômicas, para em sua ação de ensinar ser capaz de estabelecer diálogos promissores na promoção de acomodações e de construção de caminhos para resolução de conflitos. Para além disso, quando se estabelecem marcadores interseccionais como gênero, sexualidade, raça, classe social entre outros, o contexto dessas(es) docentes é afetado diretamente com discriminações, preconceitos, subalternizações, silenciamentos.

Assim, conhecer e compreender a realidade de docentes LGBTQ+ através de suas narrativas orais e escritas é de muita relevância para construção de uma educação mais inclusiva e diversa, tornando-se um diferencial para um acionamento de estratégias de autoconhecimento por meio da escrita de si, de suas histórias de vida. Sendo assim, recorrendo aos estudos de Passeggi (2011, p. 373) quando argumenta que “a escrita de si é considerada como dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação formal, não-formal e informal”. Delory-Momberger (2006, p. 362) reitera que essa escrita de si possibilita ao docente “tornar-se sujeito de sua própria história”. Desse modo, rompe-se um ciclo histórico de negações ao tempo que se reforça processos (auto)formacionais.

Na abordagem (Auto)biográfica há várias possibilidades de acessarmos os percursos de formação descritos por Passeggi (2011) por meio de diversos dispositivos de formação. Quando refletimos sobre corpos, corpos e corpos historicamente discriminados/os/es e que experimentam a docência na educação profissional, entendemos que é poderoso investir nessa diversidade de dispositivos para construirmos aproximações sensíveis-subjetivas junto às histórias de vida a serem narradas.

Dito isto, consideramos relevante estabelecer o diálogo com Souza (2018), principalmente, porque ele apresenta e descreve alguns dispositivos de pesquisa que aderem às noções conceituais da pesquisa (auto)biográfica:

A **entrevista narrativa** é uma entrevista individual onde os sujeitos falam de si e de seus percursos, disponibilizando informações importantes de suas existências. O **ateliê biográfico** é compreendido como um espaço-fonte de produção de dados biográficos. Trata-se de uma experiência realizada em grupo, com inspiração nos trabalhos de Delory-Momberger. O **memorial** configura-se nas pesquisas narrativas como um dispositivo de pesquisa-formação, possibilitando que cada sujeito, ao narrar sua trajetória, reflita sobre suas experiências e biografie seus percursos de vida-formação. A utilização do **grupo de discussão** como método ou técnica de pesquisa tem possibilitado entradas diversas e análise de questões geracionais, intergeracionais, de gênero, sociais e culturais, através de relações estabelecidas entre

pesquisadores e o grupo envolvido na pesquisa (crianças, jovens, adultos), revelando *habitus* coletivos do próprio grupo. A **documentação narrativa de experiência pedagógica** configura-se como um dispositivo epistêmico-político-pedagógico, na vertente da investigação-formação-ação. A documentação narrativa organiza-se a partir de ateliês de oralidade, escrita, reescrita e publicação de experiências pedagógicas coparticipadas, implicando processos compartilhados de questões de ensino-formação. A fotografia, esta se constitui, no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, como **narrativa imagética**”. (p. 296-298).

Essas são algumas possibilidades de dispositivos, que as pesquisas em Educação têm recorrido. O que nos encoraja a seguir nessa direção. Mas uma questão se impõe: E quando esse docente é LGBTQ+, como são estabelecidas as histórias de vida narrativizadas por esses docentes?

Na seção seguinte, buscaremos algumas respostas a essa inquietação, bem como apresentaremos achados dessa investigação.

2 O QUE REVELA O ESTADO DA ARTE? DIALOGANDO COM OS ACHADOS

Considerando os achados do Estado da Arte das nossas pesquisas, apresentamos o quadro “Dispositivos de Pesquisa” com os resultados obtidos nos levantamentos realizados. O quadro foi estruturado com a seleção dos textos acadêmicos por ano, modalidade de produção acadêmica (teses ou dissertação) e seus respectivos dispositivos de pesquisa.

Quadro 1 – Dispositivos de Pesquisa

Ano	Produção Acadêmica (Tese ou Dissertação)	Dispositivos
2013	Dissertação	Relatos fotográficos - UERJ
	Tese	Entrevista - UFU
2014	Dissertação	Entrevista / Grupo de discussão - UNISUL
	Dissertação	Memorial de formação
		Entrevistas semiestruturadas - FUFPI
	Dissertação	O estudo foi exploratório, empírico, documental (análise de documentos) - UNESC
	Tese	Questionário/Entrevista - UFU
	Tese	Diário de Campo - UFPA
	Tese	Narrativas (falas)/Narrativas (escritas) - UFPEL
2015	Tese	Produção de narrativas - UFPEL
	Dissertação	Grupo focal/Documents - UNISINOS
	Dissertação	Conversa - UERJ
	Dissertação	Diários/Fotografias/documentos/ UERN
	Dissertação	Entrevistas semiestruturadas/UNISUS
	Dissertação	Entrevistas semiestruturadas/UESB
	Tese	Análises de documentos e entrevistas narrativas - UFBA
2016	Tese	Questionário - UFPA
	Dissertação	Entrevista - UERJ
	Dissertação	Entrevista semiestruturada – UFRJ
	Dissertação	Entrevista semiestruturada/Pesquisa documental - UNIOESTE
	Dissertação	Narrativa (docentes)/UFSCAR
2017	Tese	Análise documental - UFPA
	Tese	Entrevista/Grupo de discussão – UFPR

	Tese	Entrevista Narrativa/Uni.Metodista de Piracicaba
	Tese	Entrevista Narrativa/Pesquisa documental/UFSC - RS
	Dissertação	Entrevista semiestruturada/Observação sala de aula - UFMG
	Dissertação	Entrevista em profundidade - UFPE
2018	Dissertação	Grupos focais/Entrevista individuais - UFSCar
	Dissertação	Pesquisa documental /IFRN
2019	Tese	Documentos - UFSC
	Tese	Entrevista narrativa - UFSC
2021	Tese	Não especificou / UFPI

Legenda: França⁴ Silva⁵ Matos⁶

O levantamento no período já anunciado teve como primeiro descritor *Desenvolvimento Profissional Docente no ensino superior*, utilizando os filtros de Área de Concentração e Área de Conhecimento, refinamento Educação e termos relacionados, a exemplo de Educação Brasileira; Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica; Educação e Contemporaneidade etc. e como resultados encontramos 4 trabalhos, sendo 3 dissertações e 1 tese. Lemos os títulos e resumos e apenas a tese recorreu à pesquisa (auto)biográfica.

Em razão dessa quantidade, decidimos seguir o mesmo refinamento e colocar o segundo descritor *Desenvolvimento Profissional Docente*, obtendo um total de 472 trabalhos: 332 dissertações e 112 Teses. Como o recorte era DPD no ensino superior lemos os títulos e excluímos aqueles que não traziam nele e nem nas palavras-chave o termo DPD, bem como aqueles cujos títulos descreviam professores(as) iniciantes das séries iniciais, da educação infantil, da educação básica, da educação do campo, da educação não-formal, da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Gestão Escolar, do ensino à distância, da Coordenação pedagógica, da Educação *On line* e de programas de Pós-graduação.

Ao final desses recortes, obtivemos 49 trabalhos, sendo 23 dissertações e 26 teses. Diante desse total nos debruçamos na leitura dos títulos e dos resumos, dos quais 6 trabalhos, sendo 3 dissertações e 3 teses, investigavam o DPD no ensino superior, recorrendo à (Auto)biografia como abordagem teórico-metodológica. Vale considerar que na leitura dos resumos localizamos o termo narrativas em 4 trabalhos (3 teses e 1 dissertação), contudo a relação estava direcionada à interpretação de narrativas docentes e não de assumi-la como abordagem.

Em síntese, apesar de encontramos essa quantidade de pesquisas a partir dos dois descritores utilizados, isto é, 53 produções entre 26 dissertações e 27 teses, constatamos que desse total 7 relacionavam-se como nosso objetivo, sendo 4 teses e 3 dissertações, o que

⁴ Levantamento da pesquisadora Marta de Souza França.

⁵ Levantamento do pesquisador Wallace Matos da Silva.

⁶ Levantamento do pesquisador Flávio Barreto de Matos.

representa menos de 10 por cento desse total. Analisando esses números, notamos que as pesquisas no Brasil sobre Desenvolvimento Profissional Docente no ensino superior nos últimos dez anos assumem com certa timidez os pressupostos da pesquisa (auto)biográfica, mas apresentam uma variedade de dispositivos, a saber: Memorial de Formação, Entrevistas semiestruturadas, Diários, Fotografias, Pesquisa documental, Entrevista Narrativa.

Com relação ao levantamento das produções em Educação de Jovens e Adultos, para uma melhor compreensão acerca do que se propõe a investigação, foi possível fazer algumas buscas sobre as pesquisas (auto)biográficas, enquanto processo teórico-metodológico, nas dissertações teses acadêmicas desenvolvidas no Brasil.

A análise e tratamento dos dados partiu de uma busca minuciosa e consonante com a temática da pesquisa. Nessa viagem heurística, foram selecionados através de descritores: educação de jovens e adultos, sexualidade, gênero, subjetividade e narrativa. Por essa perspectiva, apesar de estar sob forma estática e mecânica, tal estratégia nos ajudou na ideia e compreensão dos elementos que compõem a pesquisa, devido ao seu caráter conceitual atualmente utilizado nas produções acadêmicas desenvolvidas no Brasil. Após análise das produções levantadas, foi percebido que sua grande maioria parte de uma identificação prévia e prescritiva sobre as questões das dissidências sexuais e de gênero na EJA. Todavia, as discussões levantadas pelas(os) autoras(es) se distanciam da metodologia (auto)biográfica, ainda que utilizem o princípio da pesquisa narrativa, assim como também, não trazem as(os) discentes como sujeito/campo de pesquisa.

Dentre as produções dispostas no quadro acima, apenas uma traz como objeto de estudo as(os) alunas(os) “a fim de identificar tensões e/ou contribuições nas compreensões sobre corpo, gênero e sexualidade” (SANTOS, 2015). No entanto, a perspectiva teórica/metodológica caracteriza-se como uma pesquisa de intervenção, onde

Inicialmente foram investigadas as ideias prévias e as sugestões sobre as temáticas corpo, gênero e sexualidade e, em seguida, foi elaborada e desenvolvida uma proposta educativa buscando problematizar estas questões, instigando novas reflexões e, por fim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os/as estudantes a fim de identificar tensões e/ou contribuições nas compreensões sobre corpo, gênero e sexualidade após a realização das atividades. (SANTOS, 2015, p 9).

Após a realização das análises documentais, constatamos que as narrativas (auto)biográficas ainda se encontram estáticas e distantes do horizonte/modo de se fazer pesquisa, necessitando uma maior atenção e aprofundamento sobre a questão. Isso se configura uma inquietação uma vez que, deixa de lado o reconhecimento da experiência e a complexidade que se estabelece entre vida/escola sem levar em conta as “condições de produção desse saber

e dos processos que permitem sua conscientização e sua formalização para fins de validade social” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 90).

Portanto, é preciso pensar em práticas na Educação de Jovens e Adultos -EJA que proponham a desnaturalização das práticas hegemônicas, possibilitando uma pedagogia voltada para as suas experiências de vida e trabalho, e que deem maior visibilidade às(aos) estudantes em dissidência, uma vez que, essas relações estão diretamente interligadas a maneira que as(os) elas/eles constroem a sua subjetividade e de como se posicionam na vida no/com mundo.

No caso do objeto “narrativas de docentes LGBT”, o recorte do mapeamento foi realizado através de três descritores a saber: docente LGBT, subjetividade e narrativas. A opção desse levantamento utilizando o descritor “narrativas” como referência, no campo educacional, nos foi motivado por compreendermos que a narrativa se apresenta como uma importante e significativa possibilidade de pesquisa, pois traz à baila a experiência por meio das histórias vividas e narradas nas dimensões pessoais dos participantes, seus afetos, sentimentos e trajetórias de vida.

Do universo de produções acadêmicas pesquisadas na Plataforma Sucupira, encontramos o seguinte retrato das produções acadêmicas com utilizando narrativas docentes: 11 dissertações e 10 teses. Em seguida, realizei a leitura dos resumos das referidas produções para identificar os dispositivos utilizados pelas(os) pesquisadoras(es) que se inscrevessem enquanto dispositivos da pesquisa (auto)biografia. Em meus estudos no âmbito das (auto)biografias, foi constatado que a Entrevista Narrativa (EN) tem exercido papel importante e central como dispositivos.

Isso não significa que não se utilizem outros dispositivos de pesquisa como fotobiografias, ateliês biográficos, memoriais, documentação narrativa de experiências pedagógicas, grupo de discussão e pesquisa documental, transitando entre fontes orais e escritas na construção das narrativas de si entre outros. Considerando essa perspectiva e o quadro abaixo, há somente uma ocorrência do dispositivo EN nas produções acadêmicas analisadas e o que mais se aproximaria da EN foi a ocorrência da entrevista em profundidade. Ademais, não descarto que as entrevistas semiestruturadas também podem contribuir para relatos das narrativas das histórias de vida.

A descrição dos dispositivos realizadas por Souza (2018) nos permite compreender outras alternativas para a geração das informações por meio das narrativas (auto)biográficas. Dependendo da pesquisa a ser realizada e suas problematizações, a escolha de um ou mais dispositivos contribuirão com rotas para as investigações (auto)biográfica ou narrativa de vida em educação. Considerando o quantitativo das produções acadêmicas do quando 1, constatee

que alguns dos dispositivos encontrados “questionário” e “documentos” não dão conta da produção de relatos narrativizados devido à própria natureza dos dispositivos referidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos ao longo da pesquisa que Abordagem (Auto)biográfica nos oferece epistemologia, método e caminhos investigativos consistentes, plurais e autênticos refletidos nos dispositivos que possibilitam conhecer e compreender fenômenos sociais da Educação. Além disso, contribuem para entendermos a força das narrativas orais e escritas pessoais-profissionais de docente e discentes na perspectiva da formação, promovendo aprendizagens e (auto)formação. Há nesse movimento narrativo potenciais capacidades de mudanças, que emergem a partir de procedimentos de formação, com vistas a dar forma à existência humana e a possibilitar (auto)formação (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Neste sentido, nas nossas investigações durante o Estado da Arte, compreendemos que as pesquisas (auto)biográficas em DPD no ensino superior se apresentam ainda com timidez, mesmo está teoria dialogar diretamente com os pressupostos das narrativas de si (PASSEGI, 2011)

Por fim, compreendemos que há muito o que estudar, debater com relação à utilização do dispositivo mais adequado para a pesquisa. Das produções em comento no quadro acima, fica constatado o equívoco na utilização de dispositivos da pesquisa com narrativas sejam elas de vida, biográficas ou (auto)biográficas, considerando os aportes teóricos-metodológicos das pesquisas (auto)biográficas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Do paradigma tecnicista à aventura (auto)biográfica – narrativa de uma pesquisadora em educação. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.). **A nova aventura (auto)biográfica – Tomo II**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 293-340.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo** – Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual/ Berenice Bento. 3ª ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

CAETANO, Marcio. **Performatividades reguladas**: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Appris, 2016.

COLLING, Leandro (org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador – BA: Editora da UFBA – EDUFBA, 2016. 240 p.

DAY, Cristiane. **Desenvolvimento Profissional de Professores**: os desafios da aprendizagem permanente. Porto, Pt: Porto Editora, 2000.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As Histórias de Vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. (Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi). São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. Trad. Maria B. M. Nizza da Silva et al. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERREIRA, Lucia Gracia. Os ateliês biográficos de projeto e os processos formativos de professores: diálogos autobiografia e ludicidade. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Vitória da Conquista, Ano IX. N. 15 p. 99-110, 2015.

FERREIRA, Lucia Gracia. Viver, narrar, guardar e formar: uma história das relações com a escrita (auto)biográfica. **Revista encantar - educação, cultura e sociedade** - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-16, jan./dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática docente. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos; Tomás Tadeu da Silva. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, mai./ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é Humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

SANTOS, Fernanda Figueredo dos. **As abordagens sobre corpo, gênero e sexualidade na educação de jovens e adultos em Jequié-Ba**. 2015. Dissertação de (Mestrado) – Universidade do Sudoeste da Bahia, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. **Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação**. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018. Disponível em: Souza (estacio.br)» <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/4750/47966110>